

Pernambuco

Mulheres semeando, cuidando e colhendo: a experiência de subsistemas no Agreste pernambucano

Dona Ivaneide e sua filha Mônica e a diversidade do seu sítio em Cumaru



Na comunidade Jurema, zona rural de Cumaru, Agreste Setentrional de Pernambuco, uma das regiões naturais do Semiárido brasileiro, vive Ivaneide Josefa dos Santos Silva, 55, agricultora agroecológica, mãe de Mônica, Janicleide, Josafá e Isabel. Dona Ivoneide, como é chamada no dia a dia, trabalha nos diversos subsistemas do seu sítio desde sua adolescência, no roçado, horta, quintal, Reúso de Águas Cinzas no Sistema Agroflorestal (RAC-SAF), mata e na criação de animais como bovinos, galinhas e caprinos.

O seu território de vida e trabalho, sítio de 7,5 hectares herdado por seu ex-marido, Severino da Silva, 61, quando o pai dele faleceu, está sendo manejado pela família há anos. Desde então, dona Ivoneide lidera o cuidado com o sítio, junto a filha, Mônica, 25. “Eu sempre gostei de plantar, desde criança. Isso veio da minha avó, Josefa Maria, ela não comprava verdura, era tudo produzido em casa e sem veneno. Eu queria fazer igual a Bobó (vovó) e eu consegui”, conta.

Segundo dona Ivoneide, o sítio mudou muito graças à criação animal, às tecnologias sociais, à produção de alimentos para a família, às sementes crioulas (vegetal e animal) e à assessoria técnica recebida das organizações não governamentais, como o Centro Sabiá, a Cáritas e a Agroflor.

As criações de cabras, gado e galinhas foram adquiridas a partir de políticas públicas e projetos sociais, como o Crédito Rural do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), doações de famílias camponesas, auxílio emergencial da pandemia de Covid-19 e o Fundo Rotativo Solidário, acessado por Mônica, a sucessora de Dona Ivoneide no cuidado com o sítio e integrante da Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CJMA).

A alimentação dos animais é composta pela palma forrageira, mandacaru sem espinhos, catingueira, milho e farelo de trigo, que Dona Ivoneide prepara toda manhã. Antes do uso da palma, incentivada pelo Centro Sabiá como opção, por sua alta resistência durante o período de estiagem no Semiárido, a agricultora subia a serra que circunda sua propriedade para cortar mandacaru. “Era uma batalha pesada para chegar lá, além do perigo que era, porque o mandacaru caía por cima da gente depois de cortar com a foice”, relatou a agricultora.



A partir dos avanços com a captação e armazenamento de água, a família também pôde manter sua produção de alimentos e ervas medicinais. A primeira cisterna chegou em 2001, através de recursos próprios, e, em 2011, conquistou a cisterna-calçadão através do programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido, ASA. A família possui um barreiros, de onde tira a água para regar as plantas e, desde 2015, um biodigestor.

Graças a essas tecnologias de convivência com o Semiárido, “a vida mudou em 100%. Eu carregava a água em um galão de muito longe. Quando o carro pipa chegava nessa região, de dois em dois dias, ou eu buscava a hora que fosse, ou a gente ficava sem água. Desde 2011, não carrego mais água de jeito nenhum. A chegada da cisterna-calçadão foi boa demais. Eu chamo ela de meu ‘pote de mel’, porque é doce que nem mel e mudou tudo por aqui”, afirma dona Ivoneide.

As cisternas são ainda mais importantes para armazenar água no contexto das mudanças climáticas. De acordo com dona Ivoneide, o inverno costumava ser bem definido, mas hoje não é possível saber quando vai chover ou não, e qual será a intensidade.

Hoje em dia, a produção do sítio serve principalmente para garantir a segurança alimentar e nutricional da família, uma vez que dona Ivoneide está aposentada e não vê vantagem em comercializar nas feiras como antes. Apesar disso, foi seu trabalho duro que garantiu a segurança alimentar da família e sua sagacidade enquanto comerciante que lhe rendeu qualidade de vida.

Sua produção e sua atividade como guardiã de sementes é referência regional, tendo recebido várias visitas de intercâmbios de conhecimentos entre agricultoras e agricultores. Para o futuro, dona Ivoneide espera aprender cada vez mais, aumentar sua produção na agrofloresta e viver em um mundo com mais autonomia e oportunidade para as mulheres agricultoras.

ASSISTA AO
VIDEO AQUI

